

**MODELO DE FORMAÇÃO EM FUTEBOL:
ANÁLISE DE CLUBES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL****Rodrigo Vicenzi Casarin¹, Igor Streit¹****RESUMO**

Este estudo teve como objetivo analisar o modelo de formação perspectivado por seis clubes do Estado do Rio Grande do Sul. O estudo utilizou um questionário criado pelos próprios pesquisadores como instrumento de coleta de dados. Os resultados obtidos indicam que o objetivo principal do processo de formação visa vencer todas as competições disputadas (50,0%). Verificou-se também a preferência para a opção dos treinadores definirem o projeto de cada escalão sem a definição de um documento orientador (50,0%). A metodologia mais utilizada foi o treino tradicional (50,0%). Percebeu-se a preferência por ex-jogadores como critério para recrutamento de treinadores (50,0%). Na questão que abordava o padrão de exercitação a opção de utilizar exercícios diferentes entre os escalões (50,0%) e a opção da utilização de um padrão semanal para todos os escalões (50,0%) foram escolhidas. Relativamente aos conteúdos desenvolvidos, nota-se primazia pelo desenvolvimento das dimensões fragmentadas com duas opções sendo escolhidas com (33,3%). Para a maioria do público estudado a etapa iniciação deve apenas desenvolver o gosto sadio pelo desporto, terceirizando para as escolinhas recreativas (50,0%). Ao futebol de rua, há apenas uma preocupação razoável na etapa de iniciação (50,0%). Quanto à progressão complexidade do jogo, o 11 x 11 assume conta do processo em todos os escalões (66,7%). Na questão relacionada às características que o jogador deve apresentar no final do processo de formação, a tendência tradicional falou mais alto e a dimensão física e técnica foram novamente escolhidas (50,0%). Procurou-se evidenciar nesse estudo uma reflexão crítica e instigadora, para que evolução do futebol no Estado do Rio Grande do Sul e em todo Brasil transporte-se realmente a um "novo paradigma" contemplando a complexidade do jogo.

Palavras-chave: Futebol, Escalões de Base, Processo de formação, Rio Grande do Sul

ABSTRACT

Models of Football Training: Analysis of Clubs in the State of Rio Grande do Sul

This study aimed to analyze the training model viewed by six clubs in the state of Rio Grande do Sul. The study used a questionnaire developed by the researchers as a tool for data collection. The results indicate that the main objective of the training process aims to win all the competitions played (50.0%). There was also a preference for the option of defining the project managers at every level without setting a guideline document (50.0%). The most used methodology was the traditional training (50.0%). It was perceived the preference for the former players as a criterion for coaches recruitment (50.0%). In the question that addressed the standard for training exercises, the option to use different scales between (50.0%) and the option of using a weekly standard for all ages (50.0%) were chosen. As far as content developed, there is precedence for the development dimensions of the piecemeal with two options being chosen (33.3%). For most of the public studying the initiation stage should just develop a taste for healthy sport, recreation outsourcing for small schools (50.0%). In street soccer, there is only a reasonable concern in the initiation step (50.0%). As the complexity of the game progression, the 11 x 11, takes account of the process at all levels (66.7%). On the issue related to the characteristics that the player must submit at the end of the training process, the historical trend was louder and physical dimension and were again chosen technique (50.0%). This study tried to highlight a critical and instigator reflection, so that the evolution of soccer in the state of Rio Grande do Sul and in all Brazil and throughout the transportation is really a "new paradigm" considering the complexity of the game.

Key Words: Football, scale of base, formation process, Rio Grande do Sul

1 - Programa de Pós graduação lato sensu da UGF - Futebol e Futsal: As ciências do esporte e a metodologia do treinamento

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos a evolução humana tem elevado o surgimento de novas realidades em todas as dimensões urbano-sociais. Uma realidade “apaixonante”, que ainda vem mantendo-se como fenômeno expressivo, é o futebol; jogar futebol, ser jogador, sempre foi e será o grande desejo e paixão da maioria das crianças e jovens do Brasil.

Especialmente no século passado, o jogar futebol e a formação dos jogadores eram realizados através do famoso “futebol de rua”, chegando aos clubes em idades avançadas.

Para Lobo (2007), a origem dos melhores jogadores do mundo foi construída em bairros e terrenos baldios através de jogos jogados de pés descalços, sem gramado, bolas e chuteiras perfeitas.

Contudo, a evolução estridulosa da sociedade determinou o apagamento do futebol de rua, e o panorama atual demonstra que a formação dos jogadores é realizada exclusivamente pelos clubes, sendo que os jogadores são inseridos nos mesmos em idade precoces. Assim, a formação de jogadores em futebol passou de um modelo mais liberto, lúdico, artístico para um modelo mais rígido e cerrado.

Desta forma, faz todo o sentido averiguar como se desenvolve o processo de formação de jogadores, já que muitos clubes não utilizam uma metodologia condizente com a realidade do futebol, não possuem um documento orientador e não se preocupam com a qualidade dos seus treinadores, o que, por conseguinte, interfere diretamente na evolução dos jogadores (Leal e Quinta, 2001).

Neste contexto, um projeto de formação atualmente deve pautar-se em princípios coerentes e progressivos estabelecendo uma forma de jogar, contendo uma variabilidade de possibilidades para não “engessar” os jogadores.

Enfim, como visto, o processo de formação possui várias dimensões a serem discutidas. Em cima disso, este estudo tem como objetivo analisar como os clubes de futebol do estado do Rio Grande do Sul idealizam o modelo de formação de jogadores.

Complexidade e Formação no Futebol

Vivemos num mundo globalmente interligado, no qual os fenômenos biológicos,

psicológicos, sociais e ambientais são interdependentes (Capra, 2005).

Como em todas as áreas das ciências dos esportes, um dos maiores empecilhos do futebol é identificar, interpretar e estudar “seu mundo” com o “olhar” da complexidade. A complexidade nasce para combater as fendas, as mínguas, a penúria dos fundamentos da simplificação, não obstante as “sub-penínsulas” que se formarão da complexidade, constituirão uma complexidade em escalas (Morin, 2003).

Para Bento (2006), o processo de formação deve ser entendido como um fenômeno complexo composto por diversas dimensões igualmente importantes. Assim, a formação no futebol deve ser perspectivada como um “processo de interações”, que visa o desenvolvimento das dimensões (tática-técnica-física-psicológica), a criação de hábitos desportivos e a aquisição de um conjunto de competências intrapessoal e interpessoal num contexto cultural específico.

Com esta premissa, assume-se que o processo de formação em futebol é um fenômeno complexo que resulta das interações da sociedade-cultura-equipe-jogar-jogadores-treinadores-dirigentes-funcionários-pais-torcedores. Atender a complexidade inerente ao futebol, e compreender as redes que nela se tecem é fundamental, uma vez que entre o infinitamente pequeno e o infinitamente grande, parece despontar o cada-vez-mais-complexo (Laborit, 1987).

O processo de Formação Entendido como Fenômeno Sistematizado à Longo Prazo

Se da metade do século passado a formação jogadores era essencialmente vivida na rua, local onde muitos jogadores iniciaram sua prática de forma completamente espontânea, através de jogos criados e sem nenhuma base teórica na orientação da sua aprendizagem (Ramos, 2003), atualmente, com o desenvolvimento das cidades e dos recursos tecnológicos, diminuíram-se os espaços e o tempo disponível para prática do futebol de rua, onde possa jogar livremente (Freire, 2006).

A prática do futebol de rua era realizada em solos irregulares, com bolas de diferentes texturas e dimensões e sem a presença de qualquer treinador, através de pequenos jogos de 3x3, 4x4, consoante o número de participantes existentes, em

espaços variados (largos ou compridos) e com dimensões reduzidas (Pacheco, 2001).

Foi com o futebol de rua, através de uma aprendizagem emancipada que vários jogadores formaram-se e encantaram o mundo com a genialidade e plasticidade de seus futebolistas.

Mas como a evolução é constante, infelizmente não se pode voltar no tempo e buscar uma formação libertadora e rica como Pelé, Garrincha e Cruyff tinham em seu futebol de rua, em virtude de vários fatores inerentes a evolução urbano-social e tecnológica.

Enxergando-se que é difícil retornar a prática do futebol de rua, o processo de formação de atletas passa a ser desenvolvido precocemente dentro dos clubes.

Nesse conceito, a formação de jogadores em futebol passa a ser entendida como um processo sistematizado, visualizando o desenvolvimento da performance individual e coletiva, tendo como finalidade obter a máxima eficiência e eficácia nos determinados níveis competitivos (Teodorescu, 1984; Marques, 2004; Losa, 2007).

Para Bento (2006), é necessário construir um projeto sistemático e condizente, onde as crianças e jovens sejam progressivamente introduzidas em rendimentos diferenciados, que se realizarão plenamente da infância, juventude até a fase adulta (Bento, 1989).

Maciel (2008) também contribui com essa idéia, afirmando que o processo de construção de talentos deve ser respeitar uma lógica de sistematização a longo prazo.

Sistematização a longo prazo é um conceito nuclear, para o modo como entende-se o processo de formação, o qual decorre ao longo de vários anos e deve ter subjacente a emergência de um determinado jogar, cuja complexidade deverá emergir paulatinamente, para níveis de complexidade crescentes. Sendo necessário, para tal, que a complexidade a que se aspira seja previamente sistematizada (Maciel, 2008).

Outro tema que abrange o processo de formação é referenciado ao processo competitivo. Seja em qualquer âmbito social, estamos constantemente competindo. No jogo de futebol, o competir é a essência do desporto, sem o qual este próprio deixa de ser, de existir (Marques, 2004).

Muito mais que competir, deve-se ensinar a competir, diferenciando as formas de

competição e a cobrança exacerbada pela vitória, permitindo assim que cada jogador possa competir num nível adequado à suas capacidades e faixa-etária (Schmidt e Lee, 1999).

O que tem se observado ainda é que nas etapas iniciais o processo de formação continua a ser orientado à imagem do treino do atleta adulto, ou seja, perspectivado segundo a lógica do rendimento e da obtenção de resultados significativos tão depressa quanto possível (Arena e Böhme, 2004).

Mas, para não cair nessa "armadilha do imediatismo e da mesma exigência competitiva em todos os escalões, é necessário que o modelo de formação seja coerente e racionalmente aplicado, tornando-se fundamental que todo o processo de formação seja norteado por princípios progressivos (Lemos 2005).

Estabelecer e conduzir um processo sistematizado para formação de jogadores é, antes de tudo, aplicar uma prática reflexiva com a transformação do sujeito que joga, e, desse modo, um processo norteado por princípios, fundamentando a cultura do jogar que se pretende (Reverdito e Scaglia, 2007).

Metodologias de Treinamento

A análise e a interpretação do futebol têm permitido diferentes formas de o entender e de desenvolvê-lo. Assim, o processo de formação de jogadores assume os contornos da concepção de quem o gere. Ou seja, depende do modo como o clube, o treinador e os jogadores entendem e modelam esse futebol (Gomes, 2008).

As metodologias observadas no futebol ao longo dos tempos podem ser perspectivadas em cinco tendências (Bunker e Thorpe, 1982; Martins, 2003; Oliveira, 2004; Mitchell e Oslin, 2006; Tamarit, 2007; Gomes, 2008).

Leste Europeu: essa tendência está centrada nos métodos analíticos de treino e nas questões físicas e técnicas do jogo sem relação direta com a forma de jogar, transportando conceitos das modalidades individuais.

Norte Europeu e América do Norte: centra-se nas vertentes físicas e técnicas do jogo, mas com importância no desenvolvimento de capacidades biomotoras exigidas em competição, considerando outros

componentes presentes no jogo, mas desenvolvendo-se de maneira fragmentada.

Países Latinos-americanos: caracteriza-se por integrar “abstratamente” as vertentes físico,técnico, táticas e psicológicas do jogo desenvolvendo-as em conjunto, mas sem relação direta com o jogar que se pretende. Essa tendência, apesar de procurar solicitar todas as componentes do jogo, não atribui à dimensão tática (organização do jogo) a importância devida como gestora do processo de treino.

Teaching Games for Understanding (Ensinando Jogos pela Compreensão): a abordagem para o ensino pela compreensão, sustentada na compreensão do jogo e no entendimento crítico do contexto, pode ser classificada em três dimensões: a primeira consiste na necessidade de utilizar um modelo de interação que restabeleça a composição transdimensional do jogo de futebol orientada pela dimensão cognitiva. A segunda inclui-se dentro da necessidade de colocar o jogador em situação de resolução de problemas através da modificação e adaptação de jogos, a fim de desenvolver seu acervo de habilidades (tática-técnica-física-psicológica). A terceira consiste em o treinador com ajuda dos jogadores, identificarem os problemas de jogo da equipe e as soluções a serem tomadas.

Periodização Tática: advinda de idéias do Professor Vitor Frade, é uma concepção de treino-competição que tem na dimensão tática (organização do jogo) o cerne do processo, operacionalizando uma forma de jogar específica, através da criação e desenvolvimento contínuo do modelo de jogo e portanto, dos seus princípios que sobre-condiciona a dimensão estratégica, física, técnica e psicológica.

Essa metodologia visa desenvolver uma dada forma de jogar, de acordo com uma lógica modelada pelo treinador, que é concretizada juntamente com os jogadores, ou seja, desenvolver um jogar. Para isso, concebe o processo de preparação no espaço de desenvolvimento desse jogar através da organização do jogo.

O jogar de uma equipe resulta do modo como ele se organiza nos vários momentos do jogo, nos níveis de organização e na interligação desses “fractais do jogar”.

Deste modo, o processo de treino assenta no desenvolvimento de princípios de

interação dos jogadores para modelar o jogar que o treinador pretende.

Essa lógica leva-se a singularidade do contexto (cultura do clube, características dos jogadores...), por que a operacionalização é um processo dinâmico e que resulta de uma organização conceitual-metodológica com determinado sentido.

O objetivo desse estudo é analisar o modelo de formação perspectivado por seis clubes do Estado do Rio Grande do Sul.

MATERIAIS E MÉTODOS

Tipo de Estudo

Este estudo está caracterizado como sendo descritivo exploratório, devido ao fato de levantar dados e assim gerar informações sobre determinado "status" de uma dada população e amostra, no caso do presente estudo, o modelo de formação em futebol de clubes do Estado do Rio Grande do Sul (Thomas e Nelson, 2002).

Amostra

Participaram desde estudo 6 equipes do Estado do Rio Grande do Sul. Os clubes estudados foram: Grêmio Foot Ball Porto Alegrense, Esporte Clube Novo Hamburgo, Sport Club 15 de Novembro de Campo Bom, Esporte Clube Guarani Venâncio Aires, Esporte Clube Cruzeiro de Porto Alegre e Fragata Futebol Clube de Pelotas. A seleção das equipes para a amostra definiu-se por alguns critérios: diferentes níveis competitivos, diferenças estruturais e financeiras e diferenças culturais e geográficas.

Coleta de Dados

Para a coleta de dados, utilizou-se a aplicação de um questionário criado pelos próprios pesquisadores e aplicado aos coordenadores do departamento de formação, com questões fechadas e com a possibilidade de (outra opção) se as questões não contemplassem a realidade do clube.

Foi usada a Dicotomização para que os resultados pudessem gerar porcentagens (%) e frequência de respostas. Cada opção de resposta recebeu um número (1 a 7) para que assim o presente estudo pudesse gerar uma frequência percentual de respostas.

O questionário buscou obter as seguintes informações relativas ao entendimento do processo de formação

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

utilizado pelos clubes: 1- objetivo principal da formação; 2- documento orientador do clube; 3- metodologia utilizada; 4- recrutamento dos treinadores; 5- padrão de exercitação; 6- conteúdos desenvolvidos nas sessões; 7- etapa de iniciação ao clube; 8- importância do futebol de rua; 9- progressão da complexidade do jogo e 10- características finais do processo de formação.

Análise dos Dados

Para a análise dos dados, primeiramente estes foram tabulados no software Excell.

Em seguida foram transportados para o software IBM SPSS Statistics 19.0, onde foi feita estatística descritiva (usando análise de frequência e porcentagem), e também gerando as tabelas e gráficos do estudo. A análise descritiva dos resultados foi realizada através do agrupamento dos dados obtidos para determinação frequência percentual das respostas.

RESULTADOS

Tabela 1 - Objetivo Principal do Processo de Formação

| | Freqüência | Percentual | Percentual Válido | Percentual Acumulativo |
|---|------------|--------------|-------------------|------------------------|
| Vencer todas as competições disputadas pelos escalões de base | 3 | 50,0 | 50,0 | 50,0 |
| Formar jogadores para integrarem o plantel profissional | 1 | 16,7 | 16,7 | 66,7 |
| Formar jogadores para serem APENAS negociados ou vendidos para outros clubes | 1 | 16,7 | 16,7 | 83,3 |
| Formar alguns jogadores para serem negociados ou vendidos e outros para integrarem o plantel profissional | 1 | 16,7 | 16,7 | 100,0 |
| Total | 6 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 2 - Utilização de um Documento Orientador das Atividades

| | Freqüência | Percentual | Percentual Válido | Percentual Acumulativo |
|--|------------|--------------|-------------------|------------------------|
| Não, cada treinador define o projeto de sua categoria | 3 | 50,0 | 50,0 | 50,0 |
| Sim, há um projeto orientador, definindo as diretrizes que cada categoria seguirá | 1 | 16,7 | 16,7 | 66,7 |
| Sim, é um modelo de jogo definido apenas para as categorias de base, independente das idéias de jogo da equipe principal | 1 | 16,7 | 16,7 | 83,3 |
| Outro | 1 | 16,7 | 16,7 | 100,0 |
| Total | 6 | 100,0 | 100,0 | |

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

Tabela 3 - Metodologia Utilizada

| | Frequência | Percentual | Percentual Válido | Percentual Acumulativo |
|---|------------|--------------|-------------------|------------------------|
| Treinamento Tradicional | 3 | 50,0 | 50,0 | 50,0 |
| Treinamento Integrado | 1 | 16,7 | 16,7 | 50,0 |
| O treinador tem autonomia para definir sua metodologia sem que o clube preocupe-se com esse aspecto | 1 | 16,7 | 16,7 | 83,3 |
| Outro | 1 | 16,7 | 16,7 | 100,0 |
| Total | 6 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 4 - Recrutamento dos Treinadores

| | Frequência | Percentual | Percentual Válido | Percentual Acumulativo |
|--|------------|--------------|-------------------|------------------------|
| Passado ligado à modalidade | 3 | 50,0 | 50,0 | 50,0 |
| A afinidade do treinador em relação à metodologia seguida pelo clube | 1 | 16,7 | 16,7 | 66,7 |
| Os resultados alcançados noutras épocas | 2 | 33,3 | 33,3 | 100,0 |
| Total | 6 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 5 - Padrão de Exercitação

| | Frequência | Percentual | Percentual Válido | Percentual Acumulativo |
|--|------------|--------------|-------------------|------------------------|
| Os exercícios são diferentes entre os escalões, mas sem a definição de um padrão semanal | 3 | 50,0 | 50,0 | 50,0 |
| O Clube possui um padrão semanal como referencial para todos os escalões | 3 | 50,0 | 50,0 | 100,0 |
| Total | 6 | 100,0 | 100,0 | |

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

Tabela 6 - Conteúdos Desenvolvidos nas Sessões

| | Frequência | Percentual | Percentual Válido | Percentual Acumulativo |
|--|------------|--------------|-------------------|------------------------|
| Exercícios que desenvolvam as capacidades condicionais (força, velocidade...), as capacidades técnicas (passe, finalização..) e as capacidades psicológicas (vontade, garra, união..) e o jogo 11 x 11 | 2 | 33,3 | 33,3 | 33,3 |
| Jogos reduzidos e adaptados, correção dos erros e ênfase em movimentos técnicos analíticos | 1 | 16,7 | 16,7 | 50,0 |
| Exercícios que desenvolvam as capacidades condicionais(força, velocidade...) e o jogo 11 x 11 | 2 | 33,3 | 33,3 | 83,3 |
| Desenvolvimento dos princípios de jogo da equipe | 1 | 16,7 | 16,7 | 100,0 |
| Total | 6 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 7 - Funcionalidade da Etapa de Iniciação

| | Frequência | Percentual | Percentual Válido | Percentual Acumulativo |
|---|------------|--------------|-------------------|------------------------|
| A iniciação acontece no clube com os mesmos moldes das demais etapas | 1 | 16,7 | 16,7 | 16,7 |
| Nesta etapa o clube apenas desenvolve o gosto sadio pelo desporto | 2 | 33,3 | 33,3 | 50,0 |
| Nesta etapa o clube apenas desenvolve o gosto sadio pelo desporto futebol, terceirizando essa etapa para escolinhas | 3 | 50,0 | 50,0 | 100,0 |
| Total | 6 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 8 - Importância da Recriação das Atividades do Futebol de Rua na Etapa de Iniciação

| | Frequência | Percentual | Percentual Válido | Percentual Acumulativo |
|--------------|------------|--------------|-------------------|------------------------|
| Muita | 2 | 33,3 | 33,3 | 33,3 |
| Razoável | 3 | 50,0 | 50,0 | 83,3 |
| Outro | 1 | 16,7 | 16,7 | 100,0 |
| Total | 6 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 9 - Progressão da Complexidade do Jogo

| | Frequência | Percentual | Percentual Válido | Percentual Acumulativo |
|---|------------|--------------|-------------------|------------------------|
| Sub 9, Sub 10, Sub 11 anos e Sub 12 anos 7 x 7, Sub 13 anos em diante 11 x 11 | 1 | 16,7 | 16,7 | 16,7 |
| 11 x 11 em todos escalões | 4 | 66,7 | 66,7 | 83,3 |
| Outro | 1 | 16,7 | 16,7 | 100,0 |
| Total | 6 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 10 - Características que o Jogador deve Apresentar no Final do Processo de Formação

| | Frequência | Percentual | Percentual Válido | Percentual Acumulativo |
|---|------------|--------------|-------------------|------------------------|
| Possuir uma excelente capacidade física e técnica | 3 | 50,0 | 50,0 | 50,0 |
| Possuir uma excelente capacidade técnica, física e mental | 1 | 16,7 | 16,7 | 66,7 |
| Possuir um repertório de comportamentos (intenções) | 2 | 33,3 | 33,3 | 100,0 |
| Total | 6 | 100,0 | 100,0 | |

DISCUSSÃO

Através dos critérios estabelecidos para o desenvolvimento da pesquisa, podem-se observar as seguintes tendências seguidas pelos clubes:

Pode-se perceber nitidamente a preocupação exacerbada em vencer todas as competições disputadas, escolhida por 50,00% da amostra. Para Maciel (2008), deve-se sim criar uma cultura para vencer, mas “o vencer” pode ser concretizado de várias formas; sendo assim, “o vencer” na formação deve ser consequência de um processo evolutivo que perspetive um jogar de efetiva qualidade e que supere o vencer apenas por vencer sem

objetivos futuros. Precisa-se incentivar o desejo e o gosto pela vitória, uma vez que vencer é uma ambição de qualquer ser humano. Entretanto, a vitória não deverá ser alcançada a qualquer custo (Pacheco, 2001).

Por isso, para além do simples vencer por vencer, é necessário um adequado processo de formação orientado por princípios metodológicos, extensível há vários anos, e não por duas ou três semanas ou um ou dois jogos (Maciel, 2008).

Ouve uma a prioridade para a opção dos treinadores definirem o projeto de cada escalão com 50,0%. Existe um grande entrave a evolução do futebol que são os clubes, porque fazem as coisas estagnar, uma vez

que não possuem uma identidade, uma filosofia, mudam constantemente de idéias e não ligam os treinadores e os escalões num fio condutor (Antão, 2006).

Também pode-se observar a opção que uma equipe teve em possuir um modelo de jogo para as categorias de base.

Maciel (2008) conceitua o modelo de jogo na formação como um sistema auto-organizado e autopoietico, algo em aberto e dinâmico, contemplando mudança, um aspecto determinante para o emergir da criatividade dentro do sistema, que tendo subjacente um determinado padrão, permite ao jogar e aos potenciais talentos que o suportam, evoluírem para níveis de complexidade mais elevados, sem perda de identidade. Na opção escolhida como "outro", a resposta emitida foi à existência de um documento orientador, definindo o conceito do clube enquanto formador.

Quanto à metodologia utilizada pelos clubes, pode-se observar a preferência pelo treino tradicional com 50,0%. A maioria dos manuais de treino utilizada pelos treinadores prioriza de forma dividida a técnica e as qualidades física (Faria, 1999).

Essa tendência faz parte do modelo tradicional que é advindo da visão mecanicista e fragmentado de mundo (Capra, 2005).

Mecanicismo, certeza, análises, linearidade, redução, determinismo e disfunção são os conceitos de maior repercussão na ideologia tradicional, respaldada pelas contribuições do dualismo cartesiano mente-corpo (Moreno, 2009).

No futebol, verificou-se a presença de quatro grandes domínios (físico, técnico, tático e psicológico), os quais foram classificados por fatores de treino, imperando o aspecto físico (Ferreira, 2007).

De acordo com Bangsbo (1994), um dos motivos que leva ao treino das capacidades de modo isolado é o fato de ser mais fácil de organizar e controlar. Novamente um clube utilizou a opção escolhida como "outro", tendo em seu discurso que o clube tem objetivos a serem alcançados, e em função disso, a metodologia (e não é integrada nem sistêmica) é única, porém particular de cada treinador.

Também preocupou-se com a forma que os clubes recrutam os treinadores. Pode-se observar com 50,0% a preferência por ex-jogadores.

Para Saglia (2007), os clubes não arriscam com profissionais mais novos sem um passado de vitórias como jogador e não gastam nada na formação de seus treinadores, ou melhor, até gastam, pagando altos salários a ex-jogadores que nunca estudaram o processo de formação, que não entendem nada das dimensões que permeiam o processo, mas têm o capital simbólico que o meio acredita.

Para o padrão de exercitação dos clubes houve apenas duas opções escolhidas, sendo que 50,00% escolheram a opção de utilizar exercícios diferentes entre os escalões, mas sem definição de um padrão semanal. Esses exercícios tradicionalmente balizam uma intencionalidade desviada para o físico e a técnica descontextualizada. Os exercícios são de índole genérica, muitos deles distanciados da prática concreta do jogo (Gaitero, 2006).

Muito disso deve-se a dificuldade do entendimento acerca do jogo e de não conseguir operacionalizar a forma de jogar pretendida dentro de uma lógica semanal, criando exercícios onde se consigam englobar todas as dimensões, sem nunca nos esquecermos da nossa primeira preocupação: potencializar a regularidade dos padrões de ações que queremos a nossa equipe (Mourinho, 1999).

Os outros 50,00% ficaram com a opção de utilização de um padrão semanal para todos os escalões. Um dos padrões semanais mais utilizados ao longo do tempo no treinamento em futebol é o microciclo, entendido por Gomes (1995) como forma de organizar as influências do treinamento no organismo do desportista durante uma série de dias de treinamento consecutivos que variam de 03 a 14 dias.

Mas há também um novo modelo de padrão semanal chamado de Morfociclo, que significa a morfologia da forma de jogar ao longo de um determinado ciclo, comumente entre dois jogos. Caracteriza um padrão que apresenta uma dada representativa do todo, o jogar. Forma essa que, ainda que diferente a diferentes escalas mantém-se relativamente estável nos princípios maiores.

Relativamente aos conteúdos desenvolvidos nas sessões de treinamento, nota-se claramente a preferência pelo desenvolvimento das dimensões fragmentadas.

Essa tendência é a mais observada no “mundo” e no “mundo do futebol”, tendo características parcelada, compartimentada, mecanicista, disjuntiva, reducionista, rompendo a complexidade do jogo (Carvalho, 2000).

A criação de métodos analíticos deve-se em parte à possibilidade do controle da quantificação e gestualização técnica perfeita e da mensurabilidade e análise do esforço e, conseqüente facilidade na determinação das qualidades físicas a desenvolver o que conduz a um trabalho onde a vertente física assume contornos significativos (Faria, 1999).

Quando se fala em iniciação no futebol, muitos debates são levantados sobre a sistematização das idéias nessa etapa. Como pode-se observar no Gráfico 7, 50,00% dos clubes entendem que a iniciação deve apenas desenvolver o gosto sadio pelo desporto e terceirizam para as escolinhas recreativas. Já uma equipe defende em seu modelo de formação a iniciação como uma etapa igual às posteriores.

Para Maciel (2008) a partir do momento que o treino sistematizado inicia-se precocemente, deve-se substituir a famosa especialização precoce, pela especificidade precoce, ou seja, construir a forma de jogar pretendida pelo clube em menores idades, com o cuidado para o controle da complexidade dos exercícios e com constante variabilidade de possibilidades.

É também igualmente importante que nessa fase o jogador aprenda a conviver com a magia do futebol, vivencie diferentes situações, construa idéias e valores, descubra sentimentos e incorpore transformações sociais, afetivas, intelectuais e motoras essenciais para a formação do caráter do indivíduo e para o seu futuro esportivo (Filgueira, 2004).

Nos últimos anos, devido a alterações profundas a nível urbano-social, o Futebol de Rua parou de ser praticado e parece urgir a necessidade de recuperar o que o caracterizava. Mas a grande maioria dos clubes não se preocupa com essa necessidade vital para melhorar o prazer pelo jogo, o desenvolvimento da criatividade e da relação com a bola em constante instabilidade (Maciel, 2008).

Um das equipes novamente escolheu a opção “outros” e teve como resposta que o futebol de rua na iniciação é imprescindível

para o desenvolvimento dos jogadores. O futebol de rua potencializa o envolvimento prematuro com a bola e os jogos, a elevada quantidade de horas dessa prática (jogo) acumulada, o prazer e a paixão que a criança nutre pelo jogo, a presença constante da auto e heterocompetição, a possibilidade da criança explorar, criar e construir o jogo, sob condições de elevada variabilidade e instabilidade (Fonseca, 2006).

No que se refere à progressão complexidade do jogo, desde os escalões menores até escalões maiores, percebeu-se a primazia do 11 x 11 com 66,67% das equipes. O “jogo pai” (11 de cada lado) é um jogo estruturado para adultos, projetado em um campo demasiadamente grande, com metas, bola e regras para adultos. A complexidade do “jogo do pai”, ao passar dos anos, foi reconhecida em todo o mundo como sendo inadequada para o jovem jogador (Snow, 2004).

A complexidade do jogo baseia-se na quantidade de interações e informação que os jovens terão de tratar, sendo assim, a redução da complexidade do jogo nas idades menores no treino a na competição introduz progressivamente os jogadores ao jogo de 11 x 11 e faz com que percebam a lógica do espaço-tempo, a gestão dos timings de decisão, a relação com a bola e a ocorrência dos comportamentos desejados (Maciel, 2008).

Apesar de poder se observar uma evolução dos procedimentos metodológicos nos últimos anos, infelizmente o processo de treino-competição ainda está enraizado em teorias mecanicistas e analíticas e é embasado pelo desenvolvimento das dimensões fragmentadas (física, técnica, tática, psicológica), supervalorizando a dimensão física e técnica (Martins, 2003).

Para o processo de formação ter qualidade e capacidade de formar jogadores identificados com a equipe, os anos anteriores devem conter sempre a presença do jogo, mas, mais que isso, um determinado jogar, estruturando exercícios contextualizados a essa forma de jogar, que desenvolvam constantemente o cognitivo-motor, permitindo-lhes tornarem-se mais hábeis e decidirem com uma intencionalidade coletiva (Gomes, 2008; Maciel, 2008).

Mais do que isso, evidenciar que a racionalização qualitativa do processo de

formação, torna exequível o trinômio mais Futebol, mais criança, mais educação (Maciel, 2008).

CONCLUSÃO

Face ao exposto na revisão da literatura e nos resultados e discussão dos questionários, chega-se às seguintes conclusões acerca ao modelo de formação perspectivado pelos clubes do estado do Rio Grande do Sul:

Pode-se perceber a preocupação exacerbada em vencer todas as competições disputadas, escolhida como o principal objetivo do processo de formação. Evidente que somente a vitória irá gerar motivação e crença, mas os caminhos para a vitória são vários, alguns nebulosos, outros claros. Caberá ao clube adotar a cultura pela vitória que melhor se identifica.

Houve uma pequena prioridade para a opção dos treinadores definirem o projeto quanto a questão da utilização de um projeto orientador. Esse panorama faz parte da realidade diária da grande maioria dos clubes no Brasil. Ao não respeitar uma cultura e um fio condutor que liga todos, o dia-dia torna-se uma miscelânea de ideias sem a identificação de um núcleo comum.

Quanto à metodologia utilizada pelos clubes, novamente a tendência tradicional esteve em maior evidência. Muito em função da facilidade de seguir o “padrão comum” e não fugir de uma lógica que pode trazer resultados positivos, em curto prazo. Mas, em longo prazo, as deficiências dessa forma de operacionalizar o treino são explícitas e quem acaba “pagando” são os jogadores que “ironicamente” praticam “outros esportes que ninguém sabe” e quase não “jogam futebol” em seu processo de formação.

A forma como os treinadores são recrutados no clube também confirmou a tendência dominante que privilegia ex-jogadores ligados a modalidade, às vezes sem um vínculo com o clube e sem melhores condições de gerir um processo de formação com qualidade. Evidente que os ex-jogadores possuem seu capital simbólico, mas nem todos estão capacitados para exercerem funções de treinadores somente pela sua “vida passada”, sem uma busca por novos contextos de aprendizado além da prática como jogador.

Verificou-se no padrão de exercitação dos clubes que metade das equipes escolheram a opção de utilizar exercícios diferentes entre os escalões, mas sem definição de um padrão semanal. Diferenciar a complexidade e a exigência dos exercícios entre cada escalão é muito importante, mas deve-se cuidar durante a semana com os treinos com as mesmas configurações, sem uma alternância devida. A outra metade escolheu a opção da utilização de um padrão semanal para todos os escalões. Agora, como não foi observado como esse padrão é padronizado e não foi solicitada nenhuma questão mais pormenorizada, não se sabe quais as “linhas orientadoras” que definem essa lógica semanal.

Quanto aos conteúdos desenvolvidos nas sessões de treinamento, novamente a preferência foi pelo desenvolvimento das dimensões fragmentadas (dimensão física e técnica). Averigua-se a semelhança com a questão que procura identificar a metodologia usada pelo clube. Como citado nos resultados e discussões anteriormente, essa tendência deve-se a “cultura mecanicista e analítica” e pela facilidade de controlar individualmente os problemas físicos e técnicos do jogo.

Na questão que procura entender como o clube entende a iniciação, observou-se a primazia para desenvolver o gosto sadio pelo desporto terceirizando essa etapa para as escolinhas recreativas. Essa evidência é importante para não se formatar jogadores em idades precoces se o clube não tem um projeto orientador das atividades “aberto e adequado”, mas também pode ser prejudicial se a equipe não controlar o que é realizado nessas escolinhas.

Relativamente à importância da recriação de contextos que tenham similaridade ao futebol de rua, a maioria das equipes não demonstrou maior interesse em recriar o “ambiente de rua” na iniciação. Isso gera uma preocupação alarmante, já que a grande maioria dos jogadores brasileiros foram modelados nesses contextos irregulares e imprevisíveis nas idades iniciais e até mesmo em idades maiores.

Quanto a progressão da complexidade do jogo, outra vez o “padrão comum”, o jogo 11 x 11, faz parte de quase todas as equipes. A pressa por especializar posicionalmente ou até mesmo a não identificação de que a redução da complexidade nas primeiras

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

idades pode aumentar a complexidade do jogador e da equipe futuramente, podem ser alguns dos problemas enfrentados nessa questão.

E novamente para corroborar o que mais evidenciou-se nesse estudo, na questão que referia sobre as características finais do processo de formação, o entendimento da grande maioria do público fica por conta de que os jogadores, para serem formados para a excelência, devem apresentar fatores físicos e técnicos evoluídos.

Mesmo sabendo que as condições atuais requerem outras perspectivas e outras tendências, comparadas as décadas passadas, devido há vários fatores evolutivos humano-sociais, há a necessidade de se repensar vários aspectos em nosso futebol. Se a maioria dos clubes acha que está evoluindo adotando protocolos de força e resistência e ganhando jogos em todos os escalões, essa é uma “evolução mentirosa”, feita na sua maioria por “lentes cartesianas” onde as “mazelas” são de tal forma, que já estão minando e mutilando a qualidade do futebol do estado do Rio Grande do Sul e do restante do Brasil.

Para confirmar os resultados desse estudo é necessário novas pesquisas que abranjam um maior público em novos estados ou em novos contextos.

REFERÊNCIAS

1- Antão, N. A Visão dos Treinadores na Formação de Futebol. Porto. Papiro. 2006.

2- Arena, S.S.; Böhme, M.T.S. Federações esportivas e organização de competições para jovens. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Brasília. Vol.12. Núm.4. p.45-50. 2004.

3- Bnagsbo, J. Energy demands in competitive soccer. Journal of Sports Sciences. London. Vol.12. p.S5-S12. 1994.

4- Bento, J.O. Como quem se confessa. In A. L. Pereira; A. Costa; R.P. Garcia (Eds.). O desporto entre lugares - O lugar das Ciências Humanas para a compreensão do Desporto. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto. p.7-12. 2006.

5- Bunker, D.; Thorpe, R. A model for the teaching of games in the secondary school. Bulletin of Physical Education. Vol. 10. p.9-16. 1982.

6- Capra, F. O ponto de mutação. São Paulo. Cultrix. 2005.

7- Carvalhal, C. No treino de futebol de rendimento superior: a recuperação é... muitíssimo mais quer recuperar. Braga. Liminho. 2001.

8- Faria, R. Periodização Tática. Um Imperativo Conceptometodológico do Rendimento Superior em Futebol. Monografia de Licenciatura. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto. 1999.

9- Ferreira, A.P. Ensinar os jovens a jogar... A melhor solução para aprendizagem da técnica e da tática. 2007. Disponível em: <http://www.fmh.utl.pt/disciplinas/MTI/apaulo/Artigo_APF.pdf>. Acessado em 11/12/2010.

10- Filgueira, F. M. Futebol: uma visão da iniciação esportiva. Ribeirão Preto São Paulo. Ribergráfica. 2004.

11- Fonseca, H. Futebol de Rua, um fenómeno em vias de extinção? Contributos e implicações para a aprendizagem. Monografia de Licenciatura. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto. 2006.

12- Freire, J.B. Pedagogia do Futebol. 2ª edição. Campinas. Autores Associados. 2006.

13- Gaitero, B. A Ciência Oculta do Sucesso! - Mourinho aos olhos da ciência. Monografia de Licenciatura. Porto Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto. 2006.

14- Gomes, A.C. Sistema e estruturação do ciclo anual de treinamento. Revista da Associação dos Professores de Educação Física de Londrina. Vol. 10. Núm. 18. p.77-84. 1995.

15- Gomes, M. O Desenvolvimento do Jogar Segundo a Periodização Tática. MCSports. 2008.

16- Laborit, H. Deus Não Joga Dados. Mem Martins. Publicações Europa-América.1987.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

- 17- Leal, M.; Quinta, R. O treino no Futebol: uma concepção para a formação. Edições APPACDM de Braga. Braga. 2001.
- 18- Lemos, H. Projecto de formação em Futebol: Um passo importante para a construção de um processo de formação de qualidade. Monografia de Licenciatura. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto. 2005.
- 19- Lobo, L. Formação, Mitos e Utopias. Disponível em: <http://www.planetadofutebol.com/index.php?se arch=futebol+de+rua>. 2007. Acessado em 15/01/2011.
- 20- Losa, J.A.M. El entrenador de fútbol base. Sevilla. Wanceulen Editorial Deportiva. 2007.
- 21- Maciel, J. A (In)(Corpo)r(Acção) Precoce dum jogar de Qualidade como Necessidade (Eco) Antroposocialtotal-Futebol um Fenómeno AntropoSocialTotal, que «primeiro se estranha e depois se entranha» e... logo, logo ganha-se!. Monografia de Licenciatura. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. 2008.
- 22- Martins, F. A Periodização Tática segundo Vítor Frade. Mais que um conceito, uma forma de estar e reflectir o Futebol. Monografia de Licenciatura. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. 2003.
- 23- Marques, A. Desporto para crianças e jovens. Razões e finalidades: Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e de educação. Porto Alegre. UFRGS Editora. 2004.
- 24- Mitchell, S.A.; Oslin, J.L. Teaching sport concepts and skills: A Tactical games approach. Champaign. IL. Human Kinetics. 2006.
- 25- Morin, E. Introdução ao Pensamento Complexo. 4ª edição. Lisboa. Instituto Piaget. 2003.
- 26- Moreno, O.C. El modelo de juego del F. C. Barcelona: una red de significado interpretada desde el paradigma de la complejidad. Espanha. Mc Sport. 2009.
- 27- Mourinho, J. Entrevista. in: Faria, R. Periodização tática. Um imperativo conceptometodológico do rendimento superior em futebol. Monografia de Licenciatura. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. 1999.
- 28- Oliveira, J.G. Conhecimento Específico em Futebol. Contributos para a definição do processo ensino-aprendizagem\treino do jogo. Mestrado. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. 2004.
- 29- Pacheco, R. O Ensino do Futebol 7: Um Jogo de Iniciação ao Futebol de 11. Porto. Edição de Autor. 2001.
- 30- Ramos, F. Futebol. Da "Rua" à Competição. Lisboa. Instituto do Desporto de Portugal. 2003.
- 31- Reverdito, R.S.; Scaglia, A.J. A gestão do processo organizacional do jogo: uma proposta metodológica para o ensino dos jogos coletivos. Motriz. Revista de Educação Física. Vol.13. Núm.1. p.51-63. 2007
- 32- Scaglia, A. Formação x captação. Disponível em: <http://www.universidadedofutebol.com.br/2007/07/3,6223,FORMACAO+X+CAPTACAO.asp x>. 2007. Acessado em 15/02/2011.
- 33- Schmidt, R.A.; Lee, T. D. Motor control and learning: a behavioral mphasis. Champaign. Human Kinetics. 1999.
- 34- Snow, S. Small Sided Games. US Youth Soccer. Ohio. USA. 2004.
- 35- Tamarit, X. Qué es la "Periodización Tática"? Vivenciar el «juego» para condicionar el juego. MCSports. 2007.
- 36- Teodorescu, L. Problemas de Teoria e Metodologia dos Jogos Desportivos. Lisboa. Livros Horizonte. 1984.
- 37- Thomas, J.; Nelson, J. Métodos de pesquisa em atividade física e saúde. 3ª edição. Artmed. 2002.

Recebido 27/02/2011

Aceito em 03/03/2011